

“Não podemos ser mesquinhos”

NOENIO SPINOLA

– Durante a reunião do Quitandinha com os delegados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o senhor propôs que se lançassem pontes entre os eixos de desenvolvimento que pretende abrir no Brasil e os eixos sul-americanos. O que queria o senhor sinalizar no discurso do Quitandinha?

– A programação do *Avança Brasil* já foi pensada com essa idéia, no sentido de buscarmos vias de comunicação e transmissão de energia para uma implantação sul-americana. Isso envolveu uma mudança muito grande na antiga concepção brasileira de desenvolvimento, em que nos fechávamos dentro das nossas fronteiras. Isso mudou. Não só estamos fazendo pontes no Sul como trabalhando na Fernão Dias, a rodovia que sai de Belo Horizonte e vai na direção do Sul. A idéia é essa: uma via de integração do Mercosul. Fizemos a Rodovia 174, ligando Manaus a Caracas. Fizemos o gasoduto e já pensamos fazer outro com a mesma Bolívia.

– Como o senhor definiria esses novos eixos de desenvolvimento e seu impacto no tempo?

– A idéia é construir, sinergicamente, eixos. E ao longo desses eixos buscar consequências adensadoras, econômicas e humanas. Se quisermos levar adiante essa idéia – tanto no Mercosul quanto na América do Sul –, acho que deveremos dar alguns passos à frente. O que eu propus ao BID é que passe a estudar a viabilidade desses vários eixos.

– Um estudo feito pela BM&F, com a participação de técnicos da FGV e da USP, menciona a possibilidade de se dobrar a produção de grãos em dez anos, num contexto de eixos de desenvolvimento no Centro-Oeste que alcancem os portos do Pacífico.

– É preciso ver se de fato é assim.

– Isso requer o aprofundamento de estudos e uma visão sobre o que pode acontecer nas próximas décadas.

– O que vai acontecer nas próximas décadas? Vai acontecer uma demanda muito forte de alimentos na Ásia. Já estamos discutindo com o Japão e com a China sobre programas de longo prazo. Se conseguirmos isso com o Japão e a China, a produção de grãos do Centro-Oeste vai aumentar fortemente. A decisão (que precisa ser tomada) é por onde escoar.

– O que falta para se tirarem alguns desses projetos do papel?

– O *Avança Brasil* coloca essas questões. Infelizmente, o Congresso não discutiu nada, nada. Está discutindo outras questões. O *Avança Brasil* é um plano estratégico de desenvolvimento que vai afetar os próximos decênios. Nele estão desenhadas todas essas alternativas. O *Avança Brasil* abre também essa possibilidade de uma saída para o Pacífico, mas não fecha a questão porque é preciso mais informações.

– Quais as implicações desses eixos para a área de serviços, instituições financeiras e outras?

– Sobre o sistema financeiro?

– Não apenas o sistema financeiro, mas o mercado de capitais como um todo, posto que a concepção de eixos de desenvolvimento que o senhor mencionou envolve toda a estrutura de serviços. Como essa questão se situará dentro dessas novas idéias sobre alavancas de desenvolvimento?

– O Brasil tem de apostar firmemente na consolidação de um espaço sul-americano. O eixo é o Mercosul. E isso vale para o sistema financeiro. O futuro dessa região vai depender do fortalecimento da integração e do expressivo desenvolvimento pelo Brasil do setor industrial e do setor financeiro. Temos uma base agrícola imensa, mas a Argentina também tem. Nosso futuro está no desenvolvimento dos setores industrial e financeiro.

– O Brasil amadureceu bastante nas áreas que poderiam figurar com destaque numa economia “pós-Perroux”, em que os serviços assumem muita importância.

– Acho que a maturidade do Brasil como parte dessa América do Sul integrada vai depender de um bom entendimento de qual é o nosso papel. Não podemos ter uma atitude mesquinha com a Argentina. Para nós é estratégico manter e ampliar o Mercosul.

A modelagem das instituições financeiras e industriais do Brasil terá de ser repensada nesta virada de século em função dos novos eixos abertos para a expansão dos negócios. Essas novas alavancas do desenvolvimento vão testar, no limite, a competitividade do sistema financeiro brasileiro. Uma visão reformista e provocativa, que se estende a costumes e posturas, é o que propõe o presidente Fernando Henrique Cardoso nesta entrevista concedida no Palácio da Alvorada, em Brasília, à Resenha, uma publicação institucional da BM&F que circula todos os meses e que o JORNAL DO BRASIL publica nesta edição. O presidente disse que a velocidade das mudanças na virada do século requer repensar estrategicamente o Brasil. Fernando Henrique queixou-se do Congresso pela inércia em que caiu a discussão de grandes temas estratégicos, como o Plano Plurianual de Investimentos. O presidente não fugiu aos problemas de curto prazo que lhe foram coloca-

dos. Analisando os obstáculos à competitividade do empresariado brasileiro admitiu que, no lado do governo, persiste o problema das taxas de juro: “Efetivamente, a grande desigualdade que se tem hoje na competição é a taxa de juro”. O presidente defendeu uma integração maior do Brasil na América do Sul. “Temos acordos bilaterais com quase todos os países do continente”. Com relação ao Mercosul, Fernando Henrique Cardoso acredita que é fundamental preservar o bloco. “Não podemos ter uma atitude mesquinha com a Argentina. Para nós é estratégico manter e ampliar o Mercosul”. E acrescentou: “O interesse nacional implica uma cooperação com a Argentina”. Sem ignorar as distorções que o sistema financeiro viveu no passado (“estamos nos rescaldos do incêndio da inflação e do choque da estabilização”), o presidente analisou a taxa Selic e disse que os custos de oportunidade mudam com a queda dos juros balizada pelo governo.

Gilberto Alves – 9/11/98



ARGENTINA

“Não podemos imaginar que um país como a Argentina, que é importante, possa aceitar sua desindustrialização de braços cruzados”

MERCOSUL

“As coisas podem dar num impasse. Temos de assegurar esse espaço, mesmo que seja difícil no momento”

IMPOSTOS

“O Congresso é a favor da CPMF. Pode dizer que não, mas é. Mesmo os que são contra podem entender a lógica”

– Mas o espaço brasileiro é maior que o Mercosul.

– Nunca pensei só no Mercosul. Sempre pensei num espaço sul-americano. Porém, há certas contradições de interesse. Mas nós avançamos, porque fizemos ou estamos fazendo acordos bilaterais com praticamente todos os países da América do Sul. Precisamos dessa integração mais ampla. Por isso mesmo, não podemos imaginar que um país como a Argentina, que é importante, possa aceitar sua desindustrialização de braços cruzados. As coisas, largadas a elas próprias, podem dar num impasse, porque a Argentina pode pular fora do Mercosul se perceber que não vai ter um espaço assegurado. Temos de assegurar esse espaço, mesmo que seja difícil no momento.

– Só que, do lado de cá da fronteira, temos um mercado interno que vai criando suas próprias situações.

– Não há incompatibilidade entre mercado interno e externo. O Brasil é um país continental. O modelo do Brasil é como a América, como a China. Você não pode imaginar nunca em fazer dele uma simples plataforma de exportação.

– Um ano atrás, quando conversamos, o câmbio estava no centro das atenções. O senhor acha que chegamos, afinal, a uma situação estável?

– Torço por isso. Câmbio é coisa difícil de palpar. Outro dia, fui dizer que o câmbio podia ficar por volta de R\$ 1,75, R\$ 1,80 e entenderam que era uma banda. O que eu queria dizer é que o importante era que não flutuasse muito. Minha expectativa é a de que este ano tenhamos excedente na balança comercial. Como temos menos compromissos de pagamentos internacionais, é mais provável que haja menos pressão sobre o câmbio.

– Esse cenário permite ao senhor apostar em que níveis de investimento direto?

– Continua grande, algo em torno de US\$ 25 bilhões. No ano passado, foram de cerca de US\$ 30 bilhões.

– No meio desse caminho, há uma reforma tributária cuja discussão se arrasta. Houve interpretações variadas para o discurso que o senhor fez em São Paulo, alguns achando que que-

ria dramatizar a questão da guerra fiscal para ver se empurrava a reforma; outros dizendo que o senhor queria dar algum apoio às críticas do governador Mário Covas à guerra fiscal.

– As duas coisas. Na questão tributária, os grandes problemas que sobraram estão diminuindo. Aceitamos a tese de que podem existir dois IVAs (Imposto de Valor Adicionado). O mais lógico seria um IVA só. Mas, como existe muita oposição política, os estados só aceitam dois IVAs. O ICMS vira IVA com legislação federal, retirando a capacidade para a guerra fiscal, e os impostos federais juntam-se em outro IVA.

– O senhor acredita que os estados vão aceitar isso?

– Aceitaram. Pelo menos os entendimentos estavam amarrados. Qual é o *trade-off*: é que eles mantêm a administração tributária – a arrecadação é deles. A tese original do governo era outra. Bastava um só IVA, com o dinheiro distribuído no banco. No fim, aceitamos tudo isso, evidentemente com lei federal. Vamos transformar o IPI, o PIS, a Cofins etc em um só imposto. Há uma discussão ainda a respeito da CPMF. O governo quer transformá-la em imposto sobre transações financeiras, com características de antecipação de receita. Recolhe-se através do sistema bancário e deduz-se. O governo está empenhado nisso porque pega o setor informal, aquele não declara imposto nenhum. O Congresso é a favor da CPMF. Pode dizer que não, mas é. Mesmo os que são contra podem entender a lógica. Não (se) está onerando a produção. Está (se) cobrando o indiretamente imposto de renda ou impostos devidos. Estamos escaldados com experiências recentes de medidas fixadas na Constituição. Preferiríamos que fosse por lei complementar.

– Um dos pontos que mais tumultuaram essa questão foi, também, a falta de consenso dentro do próprio governo federal. O senhor diria que agora há convergência de pontos de vista?

– Pode dizer que fiz reuniões aqui. Tanto o Ministro do Desenvolvimento quanto o Secretário da Receita, dentre outros, estão de acordo acerca desses

pontos, e a negociação (que falta) agora é pequena.

– Presidente, as empresas brasileiras queixam-se com frequência das desvantagens comparativas para competir em escala global. Como o senhor abordaria esses problemas diante das queixas de um empresário brasileiro?

– Eu diria duas coisas. Uma do lado do empresário e outra do governo. Do lado do empresário eu diria: é preciso ter foco. Não adianta querer ser o dono de vários setores porque não vai dar mais no futuro. Tem de aprender a se integrar. E o que está do lado do governo? A questão da taxa de juro. Efetivamente, a grande desigualdade que se tem hoje na competição é a taxa de juro. As empresas internacionais pegam recursos lá fora a uma taxa de juro que não é competitiva (se for tomada) aqui. O governo tem feito um esforço grande para redução das taxas de juro. Nós chegamos a mais ou menos 11,5% de taxa de juro real. Ainda é alta, mas é a mais baixa em sei lá quantos anos.

– O senhor tem usado seguidamente o rádio para falar da importância da agricultura familiar, mas ainda há queixas.

– Ainda se queixam porque é da natureza humana se queixar. No banco do Brasil, o Pronaf está com uma expansão brutal. Para começar, o Pronaf não existia. Foi o meu governo que o criou. Estamos destinando este ano ao Pronaf, que é para a agricultura familiar, R\$ 3,4 bilhões, e a taxa de inadimplência é baixa, por ser para o pequeno agricultor.

– Como o senhor situaria o Brasil e seus vizinhos no novo contexto global?

– No cenário sul-americano, acho que a Argentina se está recuperando, está se articulando. Na medida em que o Brasil voltar a crescer, isso irá aliviar tanto o Uruguai quanto a Argentina e o Paraguai. O Paraguai tem problemas econômicos mais sérios. A Bolívia está razoavelmente acertada. A Bolívia vai ter um fluxo crescente de dinheiro por conta de gás. Acho que o Peru e o Chile vão indo. Preocupa o Equador. A Colômbia é mais uma questão política do que econômica, e a Venezuela, enquanto o preço do petróleo estiver elevado.

JUROS

“Eu ousaria dizer até que no futuro nós nos encontraremos numa situação mais semelhante à dos países desenvolvidos”

CÂMBIO

“É algo difícil de palpar. Outro dia disse que o câmbio podia ficar por volta de R\$ 1,75 e entenderam que era uma banda”